

# Pornografia infantil na Internet: violência sexual ou pornografia?<sup>1</sup>

Tatiana Savoia Landini\*

**Resumo:** O artigo versa sobre a proliferação da pornografia infantil na Internet. Argumento que uma possível explicação para o aumento dessa troca seja o não entendimento, por parte dos internautas, de que a pornografia infantil é uma forma de violência sexual contra a criança. Essa visão é engendrada pelas especificidades da troca desse tipo de material na Rede.

**Palavras-chave:** Pornografia infantil; violência sexual; Internet

---

\* Mestranda do programa de pós-graduação do Departamento de Sociologia da FFLCH – USP

<sup>1</sup> Este artigo é parte de meu trabalho de mestrado, em desenvolvimento junto ao Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo, sob orientação da Prof. Dra. Maria Helena Oliva Augusto. A pesquisa utiliza como fonte de dados: material da Unesco, da ONU, do MAPI (Mouvement Anti-Pédophilie sur Internet) e da Polícia Civil de São Paulo. Não foi feita pesquisa de dados primários na Internet.

<sup>2</sup> O termo violência, neste artigo, está sendo utilizado como sinônimo de crime.

## Introdução

A pornografia infantil é, sem dúvida alguma, uma forma de violência sexual<sup>2</sup> contra a criança. No Brasil, é crime previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e no Código Penal. É crime também de acordo com a Convenção dos Direitos da Criança da ONU, de 1989, a qual foi ratificada pelo Brasil.

Além disso, devo lembrar que a pornografia infantil está relacionada a outras formas de abuso sexual contra a criança. De acordo com as conclusões do *Congresso Mundial contra a Exploração Sexual Comercial de Crianças*, realizado em Estocolmo em 1996, a prostituição infantil, a venda e o tráfico de crianças e a pornografia infantil estão intrinsecamente ligados. O tráfico com propósitos sexuais implica a prostituição como consequência, e esta é frequentemente combinada à produção de fotos, vídeos e

outras formas de material sexual explícito envolvendo crianças. Apenas para ilustrar, podemos citar o trabalho *A perspectiva de uma jornalista sobre o problema da Ásia*, de Carol Aloysius, apresentado no encontro *Abuso sexual de crianças, pornografia infantil e pedofilia na Internet*, promovido pela Unesco em janeiro de 1999. Segundo Aloysius, um dos fatores que influenciam no fluxo de pedófilos para os países asiáticos é a disponibilidade da pornografia infantil em vídeo e na Internet. Vídeos pornográficos envolvendo crianças, com títulos como 'Boy love in Negombo' e 'Hikkaduwa', nos quais o Sri Lanka seria descrito como 'paraíso do sexo com crianças', já teriam sido encontrados pela polícia do país.

Meu intuito, ao colocar no título a questão 'violência sexual ou pornografia?', não é, portanto, de modo algum, defender a idéia de que a pornografia infantil não é uma forma de violência. Essa questão não está em discussão, pois, sendo considerada um crime pela Constituição Federal e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, parece-me desnecessário discuti-la. Pretendo mostrar, ao contrário, que o problema é que ela não está sendo percebida como crime ou violência por muitos daqueles que com ela se deparam. Nesse sentido, meu objetivo é procurar entender a forma como é sentida e como se apresenta, levando em conta as especificidades do meio em que mais prolifera atualmente – a Internet. Dessa forma, o artigo pretende contribuir para o entendimento de uma forma de violência por meio de uma análise que retira a ênfase da violência existente, ou seja, em vez de procurar entender a violência contida na pornografia infantil – o que já é feito por grupos de defesa dos Direitos Humanos e dos Direitos da Criança – pretendo mostrar que essa visão ainda não é suficientemente compartilhada pelos internautas.

### **Um pequeno histórico da pornografia infantil**

Apesar de a pornografia infantil ser considerada, hoje, um crime, devemos ter em mente que isso nem sempre foi assim. De

**Pornografia infantil na Internet:  
violência sexual ou pornografia?**

Tatiana Savoia Landini

acordo com Tim Tate (1990), como consequência da revolução sexual dos anos 60, muitos países reviram suas leis sobre obscenidades, consideradas muito rígidas. A Dinamarca liderou o movimento e, entre 1969 e 1979, legalizou todos os tipos de pornografia, inclusive a infantil. Governos de outros países ocidentais também permitiram que a pornografia infantil fosse produzida e comercializada e muitos daqueles que não o fizeram não conseguiram fazer cumprir sua legislação.

Ao longo desses anos, época chamada pelo autor de 'os dez anos de loucura', a pornografia infantil era vendida da mesma forma que a pornografia adulta. A Rodox Trading, dinamarquesa, é um exemplo de empresa que foi legalizada a partir da revisão da legislação e que, com o passar do tempo, aumentou sua produção e passou a fazer cada vez mais pornografia infantil, tanto em vídeo como em revista.

Os Estados Unidos foram o primeiro país a legislar contra a pornografia infantil. É apenas por volta de 1977 que a maioria de seus estados passou a ter legislações a esse respeito, reforçadas por uma legislação federal. Na Grã-Bretanha, a posse desse tipo de material se tornou ilegal a partir de 1988. Outros países apenas tornaram ilegal a posse mais recentemente: a Noruega, em 1992, Alemanha, França e Canadá, em 1993, Áustria, em 1994, Dinamarca e Bélgica, em 1995. Não podemos nos esquecer da grande importância da Convenção dos Direitos da Criança da ONU, de 1989, para a criminalização da pornografia infantil.

“No nosso país, a Constituição Federal assegurou uma especial proteção da criança e do adolescente. Na verdade, determinou à sociedade e ao Estado absoluta prioridade no respeito aos seus direitos (artigo 227, C.F.). Além disso, em outro dispositivo, a nossa Carta Magna previu que a lei punirá severamente o abuso, a violência e a exploração sexual da criança e do adolescente (artigo 227, § 4º)” (Jorge Assaf Maluly, Caderno da Cidadania, Observatório da Imprensa, 05/03/98). Seguindo essa orientação constitucional, o Código Penal pune a prática da conjunção carnal ou de qualquer outro ato libidinoso com crianças menores de 14

anos e a corrupção de adolescentes entre 14 e 18 anos, enquanto o Estatuto da Criança e do Adolescente pune também a pornografia infantil, tratada nos seguintes termos<sup>3</sup>: “Art. 240. Produzir ou dirigir representação teatral, televisiva ou película cinematográfica, utilizando-se de criança ou adolescente em cena de sexo explícito ou pornográfica: Pena – reclusão de um a quatro anos, e multa. Parágrafo único. Incorre na mesma pena quem, nas condições referidas neste artigo, contracenar com criança ou adolescente. Art. 241. Fotografar ou publicar cena de sexo explícito ou pornográfica envolvendo criança ou adolescente: Pena – reclusão de um a quatro anos”.

### O papel da Internet na troca da pornografia infantil

De acordo com o documento elaborado pela Unesco para o encontro realizado em janeiro de 1999, a Internet tem se tornado um fator cada vez mais importante na internacionalização da pedofilia e do abuso sexual de crianças. A Rede teria tornado possível, de modo barato, rápido, interativo e de forma anônima, o tráfico da pornografia infantil e de imagens de pedofilia. A interatividade também possibilitaria pedidos especiais em tempo real.

A posição presente nos documentos do Congresso Mundial (semelhante à da Unesco) é de que os enormes avanços tecnológicos teriam transformado a pornografia infantil – um fator principal na exploração sexual comercial de crianças – em algo barato, difícil de ser detectado e fácil de ser distribuído. A indústria da pornografia infantil teria sido trazida para dentro de casa, onde o policiamento é mais difícil e, com isso, uma indústria de muitos milhões de dólares teria se desenvolvido. O advento da Internet teria aberto novos canais de informação para aqueles que procuram crianças para o sexo.

Segundo Margaret A. Healy<sup>4</sup>, a tecnologia de computação teria transformado a produção da pornografia infantil em uma indústria global sofisticada. O termo é usado pela autora para mostrar que a tecnologia facilitou a produção e distribuição domésti-

### Pornografia infantil na Internet: violência sexual ou pornografia?

Tatiana Savoia Landini

<sup>3</sup> Não é objeto de discussão deste artigo a definição de pornografia ou a legislação sobre pornografia infantil. Uma breve literatura sobre a primeira inclui:  
ABREU, Nuno Cesar. *O olhar pornô: a representação do obsceno no cinema e no vídeo*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.  
BRANCO, Lúcia Castello. *O que é erotismo*. São Paulo: Brasiliense, 1987. Coleção Primeiros Passos.  
MONTGOMERY HYDE, H. *Historia de la pornografia*. Buenos Aires: Editorial La Pleyade.  
MORAES, Eliane Robert e LAPEIZ, Sandra Maria. *O que é pornografia*. São Paulo: Abril Cultural / Brasiliense, 1985. Coleção Primeiros Passos.  
WINCKLER, Carlos Roberto. *Pornografia e Sexualidade no Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.  
Uma discussão a respeito da segunda pode ser encontrada nos *papers* do encontro Abuso sexual de crianças, pornografia infantil e pedofilia na Internet, promovido pela Unesco.

<sup>4</sup> In: “Pornografia infantil: uma perspectiva internacional”, *paper* apresentado no Congresso Mundial Contra a Exploração Sexual Comercial da Criança, Estocolmo, 1996.

## Pornografia infantil na Internet: violência sexual ou pornografia?

Tatiana Savoia Landini

<sup>5</sup> "O 'serviço Internet' de que mais se fala atualmente é, com certeza, a World Wide Web, comumente chamada de 'Web' e traduzida pelo conceito de 'teia mundial'. (...) A www pode ser definida como um serviço de Internet que coloca todo tipo de informação à disposição sob um formato único para todas as pessoas conectadas e/ou por todas as pessoas conectadas". (Relatório Mapi).

<sup>6</sup> "Pode-se definir o News, também chamado de Newsgroups, fóruns ou grupos de discussão, como um sistema de discussão mundialmente distribuído, representando uma conjunção de grupos de discussão nomeados e classificados hierarquicamente nos quais os utilizadores do sistema podem postar mensagens que são difundidas pelos servidores". (Relatório Mapi).

<sup>7</sup> "O que é chamado de página (ou site) da Web é um conjunto de informações que é visto (totalmente ou não) na tela do cliente. A informação presente em uma página é estruturada com a ajuda da linguagem HTML e pode conter hyperlinks. Um hyperlink é uma referência a uma outra página e está ele mesmo situado em uma página". (Relatório Mapi).

<sup>8</sup> "Uma BBS (Bulletin Board System) é um site que oferece acesso a informações em troca de uma contribuição financeira. Note-se que esse acesso é feito geralmente via News, pela Web ou ainda via a Rede de telefone clássica com a ajuda de um modem. Esse tipo de site distingue-se dos sites geralmente encontrados na Internet pelo fato de que, apesar de ser acessível pelos meios clássicos disponíveis na Rede, a informação é paga". (Relatório MAPI).

<sup>9</sup> "O IRC (Internet Relay Chat) é um siste-

ca da pornografia infantil. Qualquer pessoa que tenha acesso a um computador e um modem, potencialmente, teria acesso aos serviços comerciais on-line e à Internet. Dentre outras coisas, esse acesso significa que seria possível tanto enviar quanto receber pornografia. A Internet estaria se tornando cada vez mais um fator significativo na exploração sexual da criança, e o aumento do número de computadores domésticos mais o barateamento dos *modems* possibilitariam a ascensão ao que, rapidamente, estaria se tornando o meio mais importante de troca da pornografia infantil.

Mas quais seriam as especificidades que tornam a Internet um espaço singular e a diferenciam de outros meios de troca da pornografia infantil? O mercado e a troca de pornografia infantil teriam se modificado com o advento da Rede Mundial de computadores? Quais seriam essas mudanças?

A primeira especificidade da troca de pornografia infantil via Internet pode ser pensada em função dos múltiplos meios que integram a Rede. Segundo o grupo Mapi (Mouvement Anti-Pédophilie sur Internet), o material pornográfico contendo crianças poderia ser encontrado em quatro lugares distintos da Internet<sup>5</sup>: nos grupos de discussão<sup>6</sup>, nos *sites*<sup>7</sup>, na BBS<sup>8</sup> e no IRC<sup>9</sup>. De acordo com um estudo realizado pelo grupo<sup>10</sup>, em 1996, a maior parte das informações de pornografia infantil disponível na Rede não seria encontrada tão facilmente, ou melhor, não seria encontrada acidentalmente<sup>11</sup>. O caso de grupos de discussão com títulos particularmente chamativos seria claro, mas o restante das informações ilícitas estaria relativamente escondido na Rede, e seria preciso alguém habituado ao meio e aos seus códigos, ou um policial, para encontrar esse tipo de informação.

Os resultados do estudo apontaram para uma dezena de **grupos de discussão** extremamente ativos na troca e difusão da pornografia infantil. Esses grupos colocariam ostensivamente sua tendência por meio de apelações tais como *alt.sex.incest*, *alt.sex.children*, *alt.sex.pedophilia.pictures*, etc., o que não deixaria nenhuma dúvida sobre seus propósitos. Esses grupos seriam extremamente visíveis na Rede e acessíveis a qualquer usuário

por meio de uma pesquisa ativa com as palavras-chave adequadas.

Entretanto, esses grupos, chamados pelos integrantes do Mapi de grupos de 'propaganda', seriam apenas a parte visível do iceberg, colocados na rede com o simples objetivo de aumentar o número de adeptos. Sob o *iceberg* encontrar-se-ia um universo muito mais escondido e muito mais importante, acessível unicamente ao público que possui os códigos e o vocabulário por meio dos quais se encontram os adeptos da pornografia infantil.

Contradizendo a própria afirmação feita, de que seria necessária uma procura sistemática para encontrar a pornografia infantil disponível na Internet, o grupo Mapi também alerta para o fato de que a sorte – ou azar, poderíamos dizer – seria suficiente para que uma pessoa se deparasse com o material. Uma conexão com um grupo de amantes da beleza oriental, da natureza ou de um jogo em três dimensões poderia ligar o internauta ao universo dos *boylovers* ou dos adeptos do incesto.

Mas o que se faz nesses grupos de discussão claramente ligados à pornografia infantil? Essencialmente, trocam-se mensagens e imagens. Se algumas pessoas se contentariam em trocar o material pornográfico infantil, outras iriam mais além, utilizando-se da Rede para um verdadeiro tráfico de crianças. Assim, seria possível encontrar, nos *newsgroups*, imagens ou pedidos de imagens, pedidos de encontros reais, discussões que tentariam justificar as relações sexuais de adultos e crianças, histórias que colocam as crianças em cenas pornográficas, ou a publicidade dos *sites* da Web ou da BBS que lidam com esse tema.

A pornografia infantil também seria encontrada em **sites** que seguiriam, geralmente, os mesmos princípios dos grupos de discussão. Seriam *sites* pagos que, em um primeiro momento, tentariam atrair o cliente dando acesso gratuito a um determinado número<sup>12</sup> de fotos e vídeos. Em alguns *sites*, essas fotos de caráter pornográfico usariam adolescentes e crianças. Uma vez dado o primeiro passo, o resto do material seria pago.

Além desse princípio comum, existem diferentes tipos de

### **Pornografia infantil na Internet: violência sexual ou pornografia?**

Tatiana Savoia Landini

ma de conversação multiusuário em que os usuários se reúnem nos canais (um espaço virtual geralmente associado a um tema de conversação) para conversar em grupo ou em privado. Essa comunicação, ao contrário do que ocorre no News, é feita em tempo real (todos os usuários conectados a um canal podem interagir simultaneamente". (Relatório Mapi).

<sup>10</sup> "La Pornographie Infantile sur Internet", disponível no site <http://www.info.fundp.ac.be/~mapi/mapi-eng.html>

<sup>11</sup> Essa afirmação será contestada mais à frente.

<sup>12</sup> O grupo Mapi não define qual seria esse número.

**Pornografia infantil na Internet:  
violência sexual ou pornografia?**

Tatiana Savoia Landini

*sites* de pornografia infantil. Alguns dentre eles teriam vocação puramente comercial e seriam o catálogo dos serviços oferecidos pelo proprietário. Assim, ofereceriam CD-Rom, revistas, Sex-tours no México ou na Tailândia, etc., aos amadores. Outros, menos comerciais, seriam os *sites* qualificáveis como ideológicos, como por exemplo os consagrados aos *boylovers*. Esses *sites*, assim como alguns *newsgroups* vinculados a esse tema, tentariam justificar o amor e as relações sexuais entre um adulto e uma criança por meio de argumentos pseudo-científicos, nos quais as referências à antigüidade cruzam geralmente os argumentos da biologia e da genética. Para além do discurso, nesses *sites* existiriam fotos de crianças nuas, não necessariamente em cenas pornográficas.

Outro lugar onde seria possível encontrar pornografia infantil é a **BBS** – verdadeiros clubes privados na Internet, para as quais, como em todo clube privado, o acesso se dá mediante pagamento. A pesquisa do Mapi não verificou a troca de pornografia infantil na BBS. Entretanto, segundo o relatório da pesquisa, tudo leva o grupo a acreditar que as BBS seriam o centro de uma atividade muito intensa, com os grupos de discussão servindo de propaganda.

De acordo com Tim Tate (1990), já em 1986, especialistas em pornografia infantil, trabalhando para instâncias jurídicas norte-americanas, haviam identificado um novo método de troca: os *computer-based 'Bulletin Boards'*, ou BBS (*Bulletin Board System*). “A idéia por trás dessas redes é muito simples: fornecer um serviço eletrônico de mensagem tanto com objetivo comercial quando de *hobby*. Centenas dessas redes se espalharam nos EUA e na Inglaterra durante os anos 80. Muitos eram completamente inocentes (...). Outros, entretanto, eram linhas de serviço de *chat* com áreas separadas para as chamadas mensagens ‘adultas’ e para as histórias. Outras eram especificamente orientadas para o sexo e funcionavam como pontos de contato para aqueles com necessidades eróticas ou pornográficas particulares” (Tate, 1990: 210). Apesar das investigações realizadas tanto pela polícia norte-ame-

ricana quanto britânica, a pedofilia e a pornografia infantil ter-se-iam alastrado por meio das BBSs<sup>13</sup> e sua quantificação seria impossível.

O grupo Mapi também não verificou se as informações de caráter pedofílico seriam trocadas ou difundidas no **IRC**. Entretanto, o grupo recebeu muitas mensagens alertando para o fato de que esse canal estaria sendo cada vez mais utilizado para difundir esse tipo de informação.

Além desses lugares em que a pornografia infantil poderia ser encontrada, segundo o grupo Mapi, ela também poderia ser trocada por meio do **correio eletrônico** (e-mail). O correio eletrônico recebe a mensagem acompanhada de um título que contém, dentre outras, as informações sobre a identidade do expedidor da mensagem (seu endereço eletrônico), assim como o computador que foi utilizado para enviar a mensagem. Teoricamente, essa informação permitiria identificar o usuário que enviou a mensagem – mas seria possível contornar essa identificação. O meio mais ‘eficaz’ para isso seria enviar a mensagem via um *site* de ‘anonimização’<sup>14</sup>. Esse tipo de *site* poderia ser utilizado por pessoas mal intencionadas e, entre outros, pelos pedófilos, para enviar mensagens de maneira anônima. Entretanto, segundo o relatório do Mapi, seria controversa a existência desse tipo de *site* de anonimização.

Dentre os meios citados pelo Mapi podemos dizer que a forma mais ‘privada’, digamos assim, de troca de informação é, sem dúvida, o correio eletrônico. Nesse meio, a mensagem vai diretamente da pessoa que está enviando para aquela que recebe, sem nenhuma intermediação. No IRC temos um misto de público e privado – a pessoa pode enviar uma mensagem aberta para uma ou mais pessoas ou enviá-la secretamente para uma pessoa escolhida. A diferença com o correio eletrônico, no caso de uma mensagem enviada secretamente, é que normalmente as pessoas se conhecem na própria sala de *chat*. Isso significa que, se usando o correio eletrônico a pessoa envia uma mensagem para uma outra conhecida, no IRC, normalmente, a mensagem é enviada para uma

### **Pornografia infantil na Internet: violência sexual ou pornografia?**

Tatiana Savoia Landini

<sup>13</sup> Da mesma forma, segundo o autor, o sistema francês de troca de mensagens, o Minitel, também teria sido bastante utilizado para a proliferação do comportamento pedofílico e da pornografia infantil.

<sup>14</sup> “O site de anonimização recebe a mensagem a ser transmitida, retira toda a informação sobre a identificação do expedidor, grava toda informação fazendo-a corresponder a um identificador. Esse identificador permite encontrar o endereço para que uma eventual resposta chegue ao destino. Ele envia essa mensagem transformada ao destinatário, que não pode mais identificar o expedidor”. (Relatório Mapi).



**Pornografia infantil na Internet:  
violência sexual ou pornografia?**

Tatiana Savoia Landini

pessoa conhecida apenas virtualmente. Já os grupos de discussão e os *sites* da Rede são lugares públicos. Os fóruns, ou grupos de discussão, podem até ser objeto de algum tipo de restrição, por exemplo, serem acessíveis apenas a pessoas que se conectam à Internet utilizando um determinado provedor. Mas, de qualquer forma, eles têm um caráter público, na medida em que as pessoas postam mensagens que serão lidas por inúmeras pessoas desconhecidas.

Vejamos a opinião do Dr. Mauro Marcelo de Lima e Silva<sup>15</sup>, delegado da Polícia Civil, responsável por crimes cibernéticos do Estado de São Paulo, a respeito do lugar na Web onde a pornografia infantil é mais trocada, ou, melhor dizendo, mais denunciada<sup>16</sup>. Para ele, a maioria das denúncias é a respeito de *sites* da Web. Entretanto, a polícia também já havia recebido denúncias de trocas de imagens no IRC e na Undernet. Em sua opinião, existe um maior número de denúncias a respeito do ambiente Web em função desse ambiente oferecer maior facilidade de acesso, o que não significa que não exista um 'comércio violento nos sub-mundos da Web', em suas próprias palavras.

Uma segunda especificidade da troca de pornografia infantil pela Internet é a não separação entre os diversos tipos de *sites* e, conseqüentemente, de pornografias. A Internet, como procurarei mostrar, é um meio no qual fotos eróticas se misturam ao sexo bizarro, a pornografia 'leve' à hard, a pornografia adulta à infantil<sup>17</sup>. Ao entrar em um *site* de pornografia infantil, o internauta passa a estar exposto a todos os tipos de imagens – o que chamo de 'supermercado sexual virtual', que oferece todos os tipos de produtos desejados.

Vejamos como o Dr. Mauro de Lima e Silva<sup>18</sup> descreve os *sites* em que é encontrada a pornografia infantil. Em suas próprias palavras:

*“Você tem de tudo, né. Tem um site que eu estou investigando que a parte inicial dele você tem lá homossexualismo, hetero, sexo com animais, sexo entre crianças, adulto e criança, você tem desenhos, entendeu, você vê o Mickey e a Minnie em posições constrangedoras e tal. Então você tem conden-*

<sup>15</sup> Em entrevista realizada por mim no dia 17/06/99, na Sede da Polícia Civil de São Paulo.

<sup>16</sup> Não existe nenhuma pesquisa que nos dê esse dado preciso. Dessa forma, a única maneira de obter a informação é por meio das denúncias.

<sup>17</sup> As definições de pornografia e pornografia infantil não são objetos deste artigo. Para uma literatura a esse respeito, vide nota 2. Mas, independente das discussões e definições, para os propósitos deste trabalho podemos simplesmente considerar como pornográfico tudo aquilo que está nos espaços da Internet destinados a esse objetivo, ou seja, tudo o que está nos chamados sites, chats, fóruns etc., de pornografia ou sexo.

<sup>18</sup> Em entrevista já citada.

*sadas no mesmo site as mais variadas gamas de pornografia legal entre aspás e pornografia completamente ilegal. Agora você encontra também locais onde é só pornografia ilegal. Como você encontra algo que fica naquela linha divisória, entendeu. Nós temos um site aí, daquele rapaz que foi preso em Atibaia, aquele Leonardo... Mas ele foi preso, foi sem querer né, não foi através de uma investigação feita pela Internet. E ele tinha um site chamado Boylover, que era uma declaração de amor às crianças, né. Ele dizendo que não era pederasta, nada, mas ele gostava de crianças, de meninos, e os meninos como é que deveriam ser iniciados na sexualidade e tal, e é interessante que eu tive que ler, reler dezenas de vezes o site dele para tentar achar alguma coisa que eu pudesse qualificar ele com qualquer crime mas foi muito difícil. Ali estava uma parceria que foi muito bem estudada para ficar naquele limiar entre o não crime e o crime. Então foi muito difícil, tanto que as fotos que ele mostrava ele deixava claro, essa criança está numa praia de nudismo, e tal, então eram fotos de crianças nuas, sem praticar sexo explícito e tal, entendeu”.*

Segundo reportagem da Folha de S.Paulo, do dia 31/01/99 (“‘Feira Livre’ oferece fotos pornográficas”), é muito fácil encontrar fotos de pornografia infantil. Os canais públicos de bate-papo da Rede IRC (Internet Relay Chat) seriam um dos lugares de troca desse tipo de material.

*“Entrar pela primeira vez em um desses canais é como desembarcar no meio de uma feira livre de um país estranho e de língua incompreensível. Uma explosão de mensagens coloridas invade a tela do computador. Os freqüentadores oferecem fotos pornográficas de todo tipo – mulheres, homens e crianças agrupados em categorias como orgias, oral, bizarros, gordinhas, kids... Os apelos deslizam sem parar na tela, enquanto as pessoas entram e saem, trocando frases cifradas”.*

**Pornografia infantil na Internet:  
violência sexual ou pornografia?**

Tatiana Savoia Landini

Além de não possuímos, portanto, uma distinção entre ‘sites de pornografia infantil’ e ‘sites de pornografia adulta’, temos também uma grande mescla de tipos de fotos, desde aquelas que são, sem nenhuma possibilidade de dúvida, pornográficas, passando por aquelas que poderiam ser classificadas como eróticas e chegando até as que não são fotos, mas possuem conteúdo pornográfico infantil. Dessa forma, podem ser encontradas fotos de sexo entre uma criança e um adulto, fotos de sexo entre crianças, fotos de violência em que a criança é vista amarrada e praticando sexo, fotos sem nenhum conteúdo pornográfico explícito, nas quais a criança é mostrada em pé, e até fotos de personagens de desenho animado, como o Mickey e a Minnie, praticando sexo ou cenas de incesto entre o pai e a filha da família Jetsons. De acordo com o Dr. Mauro, a maioria das fotos encontradas pela polícia retratam o sexo entre um adulto do sexo masculino e uma menina, em seguida fotos de sexo entre um adulto do sexo masculino e um menino, na forma passiva, e, em terceiro lugar, fotos de crianças em pose sexual, mas sem conteúdo de sexo explícito. Outros tipos de fotos que aparecem em menor quantidade são aquelas de sexo com animais, as que inferem sexualidade entre crianças, os desenhos animados e as montagens, por exemplo, com o rosto de pessoas famosas e o corpo de uma criança, e fotos que são adulteradas para que a modelo pareça criança. Uma questão interessante notada pelo delegado é que a maioria das fotos é antiga, o que seria percebido pelos objetos exibidos, pela qualidade da foto, o penteado das pessoas, as roupas etc. São fotos que, segundo ele, podem ter sido tiradas em campos de nudismo nos anos 70 ou 80. O que está em questão, portanto, não é se a foto era, originariamente, pornográfica, mas o lugar onde ela se encontra a transforma em tal. Nas palavras de Judith Ennew (1987: 132), “as representações de aparência inocente podem tornar-se pornográficas em outros contextos: seu significado varia segundo o uso feito. Assim, a imagem de uma criança nua e sorridente pode ser de afeição familiar e de inocência infantil; mas, por sua inserção em uma revista que mostra atos sexuais explícitos, essa

mesma imagem tornar-se-á pornográfica”.

Outra especificidade que considero de grande relevância para entender a proliferação da pornografia infantil é a possibilidade de encontro de pessoas que, por outros meios de comunicação, ou até fisicamente, não se encontrariam – ao menos não facilmente. Alguns mecanismos são utilizados para chamar crianças para os *sites* de pornografia e estabelecer contato com elas. Uma das formas, já vista, é estabelecer um link entre uma palavra como, por exemplo, Chiquititas, e o *site* de pornografia. Outra forma seria colocar canais de chat em um *site* dedicado às crianças – como é o caso do *site* colocado por Leonardo Chaim, preso no início de 1999.

O Dr. Mauro separa as pessoas que cometem crimes na Internet em três grupos distintos. No primeiro grupo, o delegado coloca os adolescentes de 14 a 17 anos, os hackers que estão ali apenas por prazer, aqueles que estão montando sua primeira página e colocam “como fazer bomba, como cometer atentado, página de criança pelada, sexo, violência, a banda de rock preferida...” O segundo grupo seria o daqueles entre 16 e 22 anos que cometem crime na Internet para tirar alguma pequena vantagem “eles pedem pizza pela Internet, mandam entregar em um determinado endereço e roubam a pizza. Participam de alguns concursos com algumas fraudezinhas para ganhar ingresso de graça para ir ao cinema...”. O terceiro grupo é o daqueles que têm mais de 20 anos e começam a utilizar o ambiente virtual exclusivamente para praticar crime. “Você poderia incluir aí nesse grupo pessoas que montam *homepage* na Internet com fins lucrativos, só para vender material pornográfico”. Ou seja, temos pessoas que estão colocando pornografia infantil na Rede e que nem sequer percebem que estão cometendo um crime – como é o caso das pessoas que pertencem ao primeiro grupo descrito. Por outro lado, temos pessoas, provavelmente pertencentes ao terceiro grupo, que se esforçam por apresentar a pornografia infantil como algo banal e aceitável. A grande diferença da Internet para outros meios seria a possibilidade de contato entre esses diversos grupos ou diversas

**Pornografia infantil na Internet:  
violência sexual ou pornografia?**

Tatiana Savoia Landini

pessoas: um pedófilo interessado em aumentar sua coleção de pornografia poderia freqüentar os *sites* colocados por adolescentes de 14 anos, assim como uma criança poderia enviar uma foto sua a um abusador pensando tratar-se de uma brincadeira.

### **Proliferação**

Será suficiente dizermos que a Internet é um meio que facilitou e permitiu o alargamento dos círculos de troca e a tornou menos perigosa? Sem dúvida, essa é uma constatação bastante plausível e evidente. Mas, enquanto constatação apenas, não suscita maiores reflexões. Talvez uma forma instigante de pensar o problema seja aquela desenvolvida por Norbert Elias, que focaliza as mudanças de comportamento do homem. Essa mudança, tanto em nível macro quanto micro, seguiria uma direção, a progressiva contenção dos impulsos. É com esse objetivo que em seu livro “O Processo Civilizador” (1994), Elias mostra as mudanças do comportamento à mesa, das atitudes em relação às funções corporais, do comportamento no quarto, na relação entre os sexos e na agressividade ao longo dos séculos.

Para Helena Béjar, ao mostrar a progressiva contenção dos impulsos, Elias está mostrando um processo no qual os homens se fazem mais sociáveis e, simultaneamente, mais indivíduos. “Quer dizer, constituem normas que coagem seus impulsos e, por sua vez, dividem a vida em duas esferas. A esfera pública, em que se desenvolvem as atividades que podem ser abertas ou visíveis, e a íntima – que hoje chamaríamos de esfera privada – na qual têm lugar as condutas secretas, aquelas cuja publicidade acarreta o perigo da perda de prestígio ou situação social. A separação entre o público e o privado é, assim, uma consequência do processo civilizatório” (1993: 135). Segundo Helena Béjar, a intimidade, em Elias, seria a esfera das atividades que caíram no silêncio. A definição de intimidade em Elias é do residual, o que não deve aparecer à vista dos outros, o lugar em que os instintos mais ‘primitivos’ podem aflorar. Nesse sentido, o espaço da casa,

da família, não necessariamente é um espaço de intimidade ou privacidade. Espaço da intimidade, em Elias, é muito mais o espaço onde a pessoa pode, em última análise, liberar seus instintos, agir de forma não contida.

É interessante pensar nessa relação feita por Elias da separação entre as esferas pública e íntima por meio do processo de civilização, ao mesmo tempo em que pensamos na relação também feita pelo autor da transformação das coações exteriores em auto-coações. Para esse autor, a possibilidade de expressão da agressividade varia de acordo com o controle social. Podemos pensar, portanto, que é no espaço da intimidade, no qual o controle social não alcança, que a pessoa tem uma possibilidade maior de liberar seus instintos e ações não aceitos socialmente. Certamente, é aqui também que entra em jogo a auto-coação ou, talvez, é aqui que *deveria* entrar em jogo a auto-coação. Mas, o que nos possibilitaria pensar que a forma como as pessoas agem socialmente é realmente auto-coagida? Não acredito que possamos pensar em nenhum dos dois extremos, ou seja, não podemos pensar que a auto-coação seja tão forte que não possibilite às pessoas agirem de forma não aceitável socialmente, mas também não podemos pensar que, na falta do controle externo, as pessoas agiriam de forma não social, quer dizer, soltariam seus instintos.

Meu objetivo, ao trazer Elias para este trabalho, é principalmente pensar a possibilidade de um espaço 'público' em que as pessoas possam agir como se estivessem em um espaço de 'intimidade'. À primeira vista, esta afirmação pode parecer um tanto quanto paradoxal – e essa é a razão da utilização das aspas nas palavras público e intimidade. Entretanto, acredito que a Internet possa ser esse espaço, público e íntimo (ou privado) ao mesmo tempo – ao menos, segundo a definição que Helena Béjar retira da teoria de Elias.

Pensemos por um momento sobre o que é a Internet e em qual esfera ela se encaixaria. Pensando apenas no nome Internet – rede de comunicação ou intercomunicação – podemos dizer que é um espaço, ainda que virtual, em que as pessoas podem entrar em

**Pornografia infantil na Internet:  
violência sexual ou pornografia?**

Tatiana Savoia Landini

contato, tanto umas com as outras quanto com informações as mais diversas. É um espaço onde as pessoas podem consultar bibliotecas, bancos, informações turísticas, fazer consultas esotéricas etc. Podem também conversar, conhecer pessoas novas, se divertir com troca de piadas, de imagens (como *gifs* animados, imagens pornográficas ou histórias em quadrinhos) etc. Descrever todas as possibilidades propiciadas pela Internet seria impossível – por esse motivo, a palavra que talvez melhor expresse o que é possível fazer na Rede é o famoso *et cetera*. Pode-se fazer tudo o que a imaginação (e a tecnologia) permitir. Nesse sentido, a Internet é necessariamente um espaço público<sup>19</sup>, ou seja, é um espaço em que, voltando à definição de Béjar, “se desenvolvem as atividades que podem ser abertas ou visíveis”.

Entretanto, essa troca de informações pode ter um caráter íntimo se pensarmos na não necessidade de a pessoa se identificar, utilizando um pseudônimo. É exatamente nessas possibilidades que reside o caráter de esfera íntima da rede de computadores. É possível que as pessoas se libertem das amarras sociais e acabem por liberar desejos e atitudes que não mostrariam em público. Dessa forma, é possível que uma pessoa, que se encontra em uma sala de *chat*, mude sua personalidade, ou também é possível que aquele que é mais recatado sexualmente visite sites de pornografia. Existem infinitas possibilidades de ações cuja publicidade acarretaria o perigo da perda de prestígio ou situação social. Dito de outra maneira, a Internet possui o caráter paradoxal de permitir a troca de informações de forma rápida e segura – possibilidade esta mais do que importante no mundo globalizado e ‘rápido’ de hoje – ao mesmo tempo em que permite ações não ‘condizentes’ com o viver em sociedade.

A troca de pornografia infantil é um dos ‘grandes problemas’ da Internet, é um dos tipos de crime que cresceram ou ficaram mais perceptíveis, mais expostos, com o aparecimento e crescimento da Rede de computadores. Com a ajuda de Elias é possível pensar que o abuso sexual<sup>20</sup> (o que inclui a pornografia infantil) é um tipo de conduta que, com o passar dos séculos e a mu-

<sup>19</sup> Estou levando em consideração apenas os espaços públicos da Internet.

<sup>20</sup> A ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência) separa o abuso sexual infantil nos seguintes tipos: voyeurismo, exibicionismo, telefonemas obscenos, abuso verbal, atos físico-genitais, pornografia infantil, prostituição infantil, incesto e estupro.

dança no limiar de agressividade e na economia dos instintos, passou a ser visto como uma agressão, praticada apenas em espaços privados, quer dizer, em espaços onde não pudesse chegar ao conhecimento de nenhuma outra pessoa. Dessa forma, podemos levantar a hipótese de que a Internet propicia um espaço ideal para a vazão desse tipo de atitude tão condenável socialmente, isto é, a Internet é um espaço que, além de possibilitar a não identificação da pessoa, também propicia facilidades para a troca desse tipo de material.

Entretanto, posta dessa forma, a hipótese não configura nenhuma novidade. Quer dizer, se levarmos em conta que a pornografia infantil existe (e em quantidade razoável) ao menos desde a década de 70, nada mais sensato do que pensar que o desenvolvimento da Internet apenas facilitaria a troca desse material. Inclusive, como já foi visto, a troca já ocorria eletronicamente, por meio da BBS e do Minitel. Entretanto, são duas as questões que estão por trás dessa hipótese e que a tornam mais interessante de ser desenvolvida: a Internet propiciou um aumento da troca desse tipo de material, ou apenas publicizou a existência desse mercado?

Além da separação entre espaço público e privado, feita muito mais em função do agente, do internauta, quer dizer, uma distinção que leva em consideração o fato de a pessoa sentir ou não que está em um espaço de intimidade, devemos também lembrar outra distinção já feita, a de que a própria Internet possui espaços públicos e privados. A questão colocada é que, apesar de a Internet propiciar um espaço 'público-íntimo', ela também possibilita a publicização da pornografia infantil, ou seja, se, antes do advento da Internet, a pornografia infantil era conhecida por um número muito menor de pessoas, apenas pelo restrito círculo dos pedófilos, a Internet tornou pública a existência desse tipo de material.

Voltemos agora para a outra questão: o aumento na troca da pornografia infantil. Assim como considero que a facilidade propiciada pela Rede seja um fato, também considero que o aumento da troca – e, conseqüentemente, o aumento da própria pornografia infantil – seja bastante evidente. Afinal, a Rede permitiu que a porno-



**Pornografia infantil na Internet:  
violência sexual ou pornografia?**

Tatiana Savoia Landini

grafia infantil saísse dos círculos pedofílicos e se tornasse acessível a outras pessoas. A troca deixou de ser realizada apenas pelos chamados pedófilos ou abusadores e passou também a ser feita – ou, ao menos, a pornografia passou a ser vista – por adolescentes, curiosos, aqueles que procuram pornografias diferentes etc. Sendo assim, as duas questões colocadas estão interligadas: o aumento da troca deve-se não apenas às facilidades propiciadas pelo meio mas também à publicização da pornografia infantil.

A partir daí, podemos notar um detalhe muito interessante, talvez uma nova configuração: ao permitir esse amplo acesso ao material, a Internet propiciou que a pornografia infantil deixasse de ser entendida como algo ilegal, uma forma de abuso sexual, por muitos daqueles que a estão trocando ou apenas visualizando, para ser, simplesmente, uma dentre outras formas de pornografia. Sem muitas delongas para evitar repetições, podemos justificar essa afirmação por meio de dois argumentos: como já foi visto mais acima, ela é encontrada junto com outros tipos de pornografia; também já foi visto que um dos grupos definidos pelo Dr. Mauro Marcelo de Lima e Silva como um dos que colocam pornografia na Rede é de adolescentes de 14 a 18 anos. Por que pensar que um garoto de 14 anos vê a foto de uma menina de 10 ou 12 anos como uma forma de abuso, de violência? Para ele, isso pode significar apenas uma brincadeira com uma menina que tem praticamente a sua idade. E será que um adulto que não tem conhecimento da realidade do abuso sexual infantil vê a foto que se apresenta em meio a tantas outras como uma forma de abuso? Ou, também, será que ele vê a realidade do abuso existente por trás da tela? Levando em consideração as especificidades do meio, já descritas, acredito ser justificável concluir que a resposta seja ‘não’, ou seja, que os internautas, adolescentes ou adultos, não estejam vendo a pornografia infantil como uma forma de violência e, indo um pouco mais além, não estejam percebendo a violência relacionada existente.

Em suma, por meio da discussão de Elias, duas hipóteses, por assim dizer, foram levantadas: os internautas não estariam ven-

do a pornografia infantil como uma forma de abuso sexual contra a criança, ou seja, como uma forma de crime, e a Internet teria propiciado um aumento e uma publicização da pornografia infantil, antes muito mais restrita aos círculos pedofílicos. Entretanto, não seria esperado que, quando um comportamento condenável viesse à tona, as pessoas sentissem aversão a ele? De certa forma, essa aversão é visível quando, por exemplo, se fala em estupro ou sedução de crianças<sup>21</sup>. E, existindo essa aversão, não seria lógico pensar que os internautas que deparassem com a pornografia infantil na Rede procurassem banir aquele que a coloca ou, ao menos, denunciar o ocorrido às autoridades? É bom lembrar, para aqueles não familiarizados com o ambiente da Internet, que é possível fazer uma denúncia anônima por meio da própria Rede, ou seja, a facilidade é muito grande. Olhemos, contudo, alguns dados.

O programa SOS Criança Sexualmente Explorada, da Abrapia (Associação Brasileira de Proteção à Infância e à Adolescência) recebeu, no período de fevereiro de 1997 a novembro de 1998, 1.118 denúncias de todo o Brasil. Destas, apenas 0,98% eram referentes à pornografia envolvendo crianças e/ou adolescentes na Internet<sup>22</sup>. Entretanto, como afirmou o próprio presidente da entidade, Lauro Monteiro, ‘cada denúncia envolvendo a Internet significa que milhares de pessoas podem estar tendo acesso a esses materiais’, (Folha de S.Paulo, 31/01/99, “País já produz pedofilia na Internet” – caderno São Paulo, pág. 1).

Algumas informações complementares a esse respeito são fornecidas pelo Dr. Mauro Marcelo de Lima e Silva<sup>23</sup>. Segundo o delegado, a polícia recebe as denúncias de pornografia infantil na Internet por vários meios:

*“Através da homepage da polícia, através de campanhas como a de ‘não à pornografia infantil’ da Abranet, através de outras polícias nacionais ou internacionais que nos comunicam, bem como através do que eu convencionei chamar de ‘diligência policial virtual’, ou seja, nossos policiais não pegam a viatura, ligam a sirene e vão prender marginais... Eles*

### **Pornografia infantil na Internet: violência sexual ou pornografia?**

Tatiana Savoia Landini

<sup>21</sup> Georges Vigarello, em seu livro “A história do estupro”, desenvolve a idéia de que a sensibilidade para perceber os crimes sexuais em geral e os crimes sexuais contra a criança em particular teria aumentado ao longo dos séculos.

<sup>22</sup> Fonte:www.abrapia.org.br

<sup>23</sup> Em entrevista já citada.

*ligam o notebook, conectam-se na Internet e varrem a Web procurando criminosos virtuais”.*

Das investigações feitas ou em andamento, segundo ele, mais ou menos metade chegou ao conhecimento da polícia por meio de denúncias, a outra metade foi mediante buscas efetuadas pelos policiais. Um detalhe bastante interessante é que a polícia tem recebido muita denúncia por intermédio de ONGs, como a *Pedowatch*<sup>24</sup>, por exemplo. Várias organizações virtuais, como essa, recebem denúncias de internautas e também possuem voluntários trabalhando no rastreamento da Rede à procura de pornografia infantil. As informações são passadas por mala direta de *e-mail* para as polícias dos diversos países. Na opinião do delegado, o papel das ONGs é bastante importante no combate à pedofilia na Internet. Além disso, das denúncias feitas anonimamente por meio da própria Internet, Dr. Mauro identifica que uma mesma pessoa faz várias denúncias, ou seja, é possível que dentre as dez denúncias recebidas pela polícia em uma semana, várias tenham sido feitas por uma mesma pessoa.

Mas o que significam esses dados? Podemos retirar daqui duas constatações. Em primeiro lugar, poderíamos pensar que, se existem milhares de pessoas que estão tendo acesso ao material de pornografia infantil disponível na Internet, e apenas dez denúncias por semana, realmente as pessoas não estão preocupadas com o que está ocorrendo. Essa conclusão é ainda mais justificável se levarmos em conta que grande parte das denúncias é feita por ONGs e que algumas pessoas fazem várias denúncias. Ou seja, temos um número realmente ínfimo de pessoas que se preocupam em denunciar a pornografia infantil.

Em segundo lugar, poderíamos pensar que a aversão que existe é apenas (ou é mais forte) em relação ao abuso sexual em seu sentido mais físico, mais imediato. É possível que a maneira como a foto se apresenta, como um ‘produto acabado’, ou até um ‘simulacro’, dissolva um pouco a imediaticidade necessária para que as pessoas sintam aversão. Ou seja, em função de a pornogra-

---

<sup>24</sup> [www.pedowatch.org](http://www.pedowatch.org)

fia infantil se apresentar conjuntamente com outras formas de pornografia em lugares públicos da Web e serem trocadas por diversos grupos de pessoas, dentre os quais encontramos as próprias crianças ou adolescentes, voltamos à idéia de que é possível que grande parte dos internautas não a veja como uma forma de violência sexual, mas sim como uma outra forma de pornografia.

Voltando à questão colocada acima, sobre a contraditoriedade das hipóteses levantadas, podemos dizer que, portanto, mesmo trazendo a público um comportamento condenável, a forma como esse comportamento é apresentado retira (ou, pelo menos, diminui muito) a possibilidade de aversão. Em outras palavras, apesar de se esperar que a publicização acarretasse uma grande reação contra a pornografia infantil, por parte dos internautas, ao não ser percebida como violência contra a criança, principalmente em função da forma, essa possibilidade de reação é minimizada.

## **Conclusão**

Sem dúvida alguma, cumpre ressaltar que o enfoque dado neste artigo à proliferação da pornografia infantil na Internet é apenas um dos ângulos que ajudam a entender o problema – outras variáveis importantes devem ser consideradas para um entendimento mais aprofundado. Considero-o, entretanto, uma forma interessante de abordar o problema, pois a partir das conclusões tiradas é possível pensar em alguns perigos que envolvem a questão e, de forma pretensiosa, tentar adicionar algo à tentativa de combate.

Após a discussão feita no texto, considero não ser exagerado pensar na possibilidade de uma banalização da pornografia infantil, ou seja, pensar que, daqui para a frente, as pessoas passem a se chocar cada vez menos e a aceitá-la cada vez mais. Ainda mais preocupante é a possibilidade de que a geração de crianças que está crescendo com liberdade de navegar pela Internet livremente acabe se acostumando a esse tipo de pornografia. Não acho exagerado pensar na hipótese de que a Internet esteja mudando (ou torne a mudança possível) o que é socialmente aceitá-

**Pornografia infantil na Internet:  
violência sexual ou pornografia?**

Tatiana Savoia Landini

vel, permitindo que uma ação considerada hoje revoltante ou repugnante deixe de sê-lo no futuro.

Um último ponto que considero importante de ser lembrado aqui é a possibilidade de diminuição do mercado de pornografia infantil. Até o momento, as principais ações têm sido no sentido de procurar criminalizar cada vez mais a pornografia infantil, pensar em alguma forma de regulamentação da Internet que não entre em conflito com a liberdade de expressão e incentivar a denúncia. Certamente, ações mais do que importantes e necessárias. Mas, ao entender a pornografia infantil como uma forma de pornografia, é possível pensar também na necessidade de sensibilização dos internautas em relação à realidade do abuso. A meu ver, o resultado das outras ações poderia ser maximizado ao mostrar que a pornografia infantil não apenas é crime como é, em si, uma forma de violência, alimentando, além disso, um mercado maior de exploração sexual da criança. ■

*Abstract:* This article examines the proliferation of the child pornography on the Internet. I argue that a possible explanation for the increase of this kind of exchange is that the internauts do not understand child pornography as a form of child sexual abuse. This justification is engendered by the specificities of the exchange of this kind of material on the Web.

*Uniterms:* Child pornography; sexual abuse; Internet

## **Bibliografia**

BÉJAR, Helena. *El ámbito íntimo (Privacidad, individualismo y modernidade)*. Madrid: Alianza Editorial, 1990.

BÉJAR, Helena. *La cultura del yo*. Madrid: Alianza Editorial, 1993.

Da Reportagem Local. "Site desnuda mundo dos boylover", "Brincadeiras são isca para seduzir público", "'Feira Livre' oferece fotos pornográficas". *Folha de S. Paulo, Caderno São Paulo*, 31/01/99.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador – volume I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1994.

ENNEW, Judith. *L'exploitation sexuelle des enfants*. Paris: Éditions Eshel, 1987.

LIPOVETSKY, Gilles. *La era del vacío – ensayos sobre el individualismo contemporáneo*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1988.

LIPOVETSKY, Gilles. *O crepúsculo do dever – a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994.

ROSSETTI, Fernando. "País já produz pedofilia na Internet". *Folha de S. Paulo, Caderno São Paulo*, 31/01/99.

VIGARELLO, Georges. *História do estupro: violência sexual nos séculos XVI-XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

TATE, Tim. *Child pornography – an investigation*. London: Methuen, 1990.

## **Sites e documentos disponíveis na Internet**

**Abrapia** – Associação Brasileira de Proteção à Criança e ao Adolescente  
<http://www.abrapia.org.br/>

**Andi** – Agência de Notícias dos Direitos da Infância  
<http://www2.uol.com.br/andi/>

**MAPI** – Mouvement Anti-Pédophilie sur Internet  
<http://www.info.fundp.ac.be/~mapi/mapi-eng.html>

**Observatório da Imprensa**  
<http://www2.uol.com.br/observatorio/>

**Pedowatch**  
<http://www.pedowatch.org/>

**Unesco:** <http://www.unesco.org/>  
Conferência "Abuso sexual de crianças, pornografia infantil e pedofilia na Internet: um desafio internacional" [http://www.unesco.org/webworld/child\\_screen/conf\\_index.html](http://www.unesco.org/webworld/child_screen/conf_index.html)

**Congresso Mundial contra a Exploração Sexual Comercial de Crianças**  
<http://www.childhub.ch/webpub/csechome>